

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII

N.º 626



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
LO SECULO
ARCINDO

O FILHO do TRAPEIRO

Por MARIA ARCHER



Luiz, que era filho dum trapeiro, encontrou na sacola do pai um alfarrábio com gravuras. E que lindas gravuras! Coloridas, sedosas, cheias de senhores vestidos de veludo, bordado a ouro, empunhando espadas flamejantes de pedrarias, com cabeleiras de caracóis, e chapéus de plumas! E todos eles eram príncipes, duques, marqueses, condes, barões...

O Luiz maravilhava-se sempre que folheava o alfarrábio magnífico.

Um dos personagens principalmente, seduzia-o

Era o príncipe de Conde, um flustre fidalgo francês, que deixou nome na História pelos feitos de armas e a grandeza do seu ânimo. O Luiz gostava de vêr o retrato d'ele e de lêr as páginas que o alfarrábio lhe dedicava, com descrições de batalhas, casos da cõrte, e aneddotas, muitas aneddotas engraçadíssimas

Uma delas contava assim:

O príncipe, que era muito modesto no seu falar (como são sempre as pessoas de valor), recebeu em sua casa a visita dum homem muito rico, muito vaidoso, e muito amigo de alardear grandezas. O vaidoso começou logo a falar de si (como é costume das pessoas presumidas) e também dos membros da sua família. E, para se engrandecer, ao falar do pai, da mãe, e do tio, dizia sempre: «O senhor meu pai, a senhora minha mãe, o senhor meu tio...». Dizia-o como uma maneira de mostrar que a família d'ele era de tal modo valiosa e importante que merecia um tratamento de cerimónia, mesmo na ausência.

Condé aborreceu-se muito de ouvir aq'ele estendal de vaidades; e, quando a visita estava para se ir embora, querendo castigá-la pela sua soberba, o príncipe disse para o criado:

—«Senhor meu lacaio, diga ao senhor cocheiro que leve este meu amigo no senhor meu coche com quatro senhores cavalos...».

O Luiz ria sempre, ao lêr a divertida aneddotas. Aquella idéa dos «senhores cavalos» ficava-lhe no pensamento. Imaginava a cara do tal vaidoso ao ouvir o príncipe. Devia ter ficado furibundo...

Ora, daí a dias, o Luiz começou a andar muito triste. Não saía a brincar pela rua, não corria pelo jardim, não ria com os outros rapazes. A mãe receava vê-lo adoecer;

mas não, o caso não era de doença, era de tristeza. O Luiz escondia no coração alguma mágoa profunda!

Sim, diga-se a verdade! Os condiscipulos faziam troça d'ele! E porquê? Porque o Luiz, coitado, era filho dum pobre trapeiro!

E o Luiz sofria por se vêr troçado, insultado, e mesmo desprezado. Era o mais pobre da escola, o mais humilde, o mais mal vestido; mas tinha, acaso, culpa disso? A gente não escolhe os pais, quando nasce; e o Luiz, que adorava o



Continua Page 4

ARCINDO

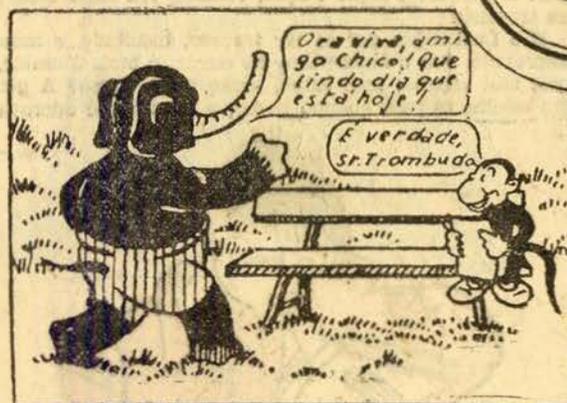
JUSTO CASTIGO



Chico Larico lê um dos contos do «Pim-Pam-Pum»,



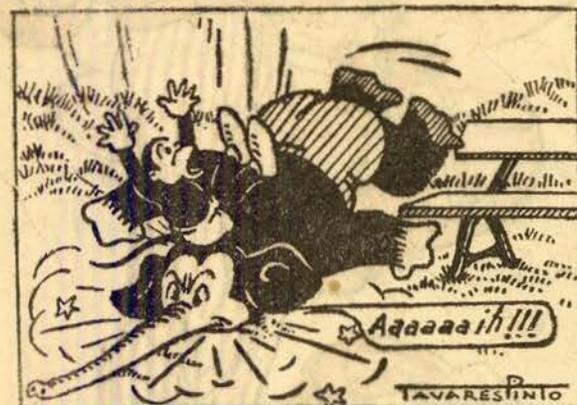
Mas, como é muito abelhudo, o elefante Trombudo



Vai ter com Chico macaco e diz-lhe muito velhaco:



— «Vou-me sentar, com licença!...» Mas, entretanto, não pensa



que, atirando o Chico ao ar, havia de focinhar!...



O que para nós não queremos, a ninguém fazer devemos.



O CESTINHO DA COSTURA



SECÇÃO PARA MENINAS POR ABELHA MESTRA

Cedendo o seu engraçado fatinho para servir de modelo às «vossas filhas» foi a Mimi bem gentil, pois, de novo, voltou ela, hoje, a enviar, como modelo, um lindo casaco e chapelinho que constituem o seu maior luxo!

Feito em flanela encarnada e enfeitado com flanela azul escura, fica caita a valer.

A flanela azul escura, faz a gola, os punhos, o cinto e os virados das algibeiras.

Em vários moldes de casaco que tenho publicado, encontrarão vocês o corte do casaco de hoje, tendo apenas, de cortá-lo um pouco mais comprido, segundo o tamanho da boneca.

O casaco abotôa com moias, mas umas pequeninas rodelas de feltro azul, presas com uns nózinhos de filoselle encarnada, formando uns falsos botões, dão muita graça ao casaco.

O chapéu pode ser feito com uma tira a direito, cosida atrás e franzida em cima, terminando com uma carepa de feltro azul.

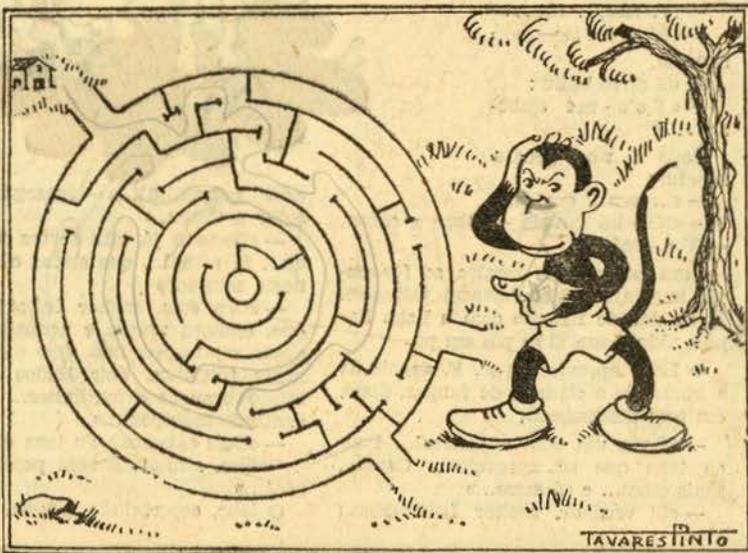
Dois botõezinhos iguais ao casaco, enfeitam-no graciosamente.

Vossa

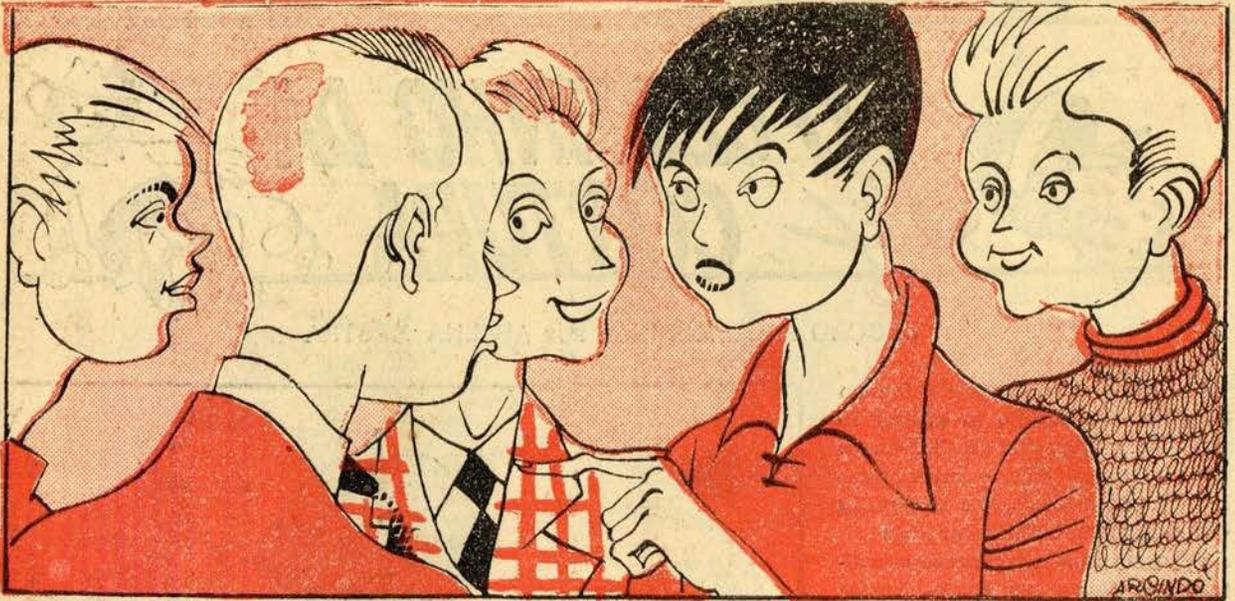
Abelha Mestre



L
A
B
I
R
I
N
T
O



Chico Larico quer ir visitar o seu amigo Zé Mono mas não sabe qual o caminho que deve seguir. Vejam os meninos se lhe podem dar uma indicação segura.



O FILHO do TRAPEIRO

(Continuado da página 1)

seu pai, não trocaria por nenhum milionário, mesmo que pudesse escolher outro.

Mas todos os seus condiscípulos tinham nascidos filhos de empregados no comércio, de lojistas, de operários... Só o pai dele era trapeiro...

O mais velho da classe, filho dum doutor, mostrava-se o mais feroz perseguidor do Luiz. Estava sempre a chamar-lhe «trapeiro» e a falar na categoria das pessoas que iam a casa do seu pai, o tal doutor afamado.

—«Ah! — (dizia o Luiz) — se eu pudesse responder-lhe como o príncipe de Condé. Era o que aquele málvado merecia!

Ora, um dia, soube-se que o pai dêsse pateta fizera um desfalque importante e estava preso por gatuno; e logo, dias depois, o trapeiro, o pai do Luiz, foi muito louvado nos jornais porque, tendo achado uma carteira cheia de contos de réis, num caixote do lixo, a entregára ao dono, com a maior honradez.

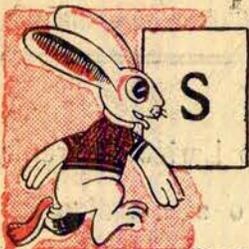
Mas o menino presumido aproveitou a ocasião para desdenhar do Luiz.

—«Olha que asneira! (dizia êle.) Entregar a carteira ao dono! O que se acha é nosso, pertence-nos... Porque teu

(Continua na página 8)

CABRA ALVINHA E LOBO PAPÃO

POR LEONOR de CAMPOS



ENHORA Cabra Alvinha olhou em volta de si. A erva, crestada pela geáda, estava ressequida, com má aparência.

Alvinha torceu o nariz e olhou para mais longe.

—«Olá! — exclamou. — Ali, naquele môrro, há boa erva, segundo parece. Vamos em exploração!...»

E afastou-se do rebanho, muito sorradeira.

Mas, ao chegar ao môrro, nova desilusão. O que de longe aparentava ser boa erva, daquela que parece dizer: «papa-me!», não passava de musgo a forrar rochedos.

—«São musgos!... Maldição!» — bradou a Alvinha.

Mesmo atrás de si, ouviu uma voz grossa:

—... são... são...»

—«E' o éco!» — pensou ela.

E, de novo baliu:

—«Vou-me embora!...»

Logo a voz grossa repetiu:

—«... ora... ora...».

—«Não há dúvida — disse a cabra,

— E' o éco!»

Uma gargalhada irônica se fez ouvir imediatamente. Alvinha voltou-se. E, ao dar de focinho com o Lobo Papão, tôda a sua lâ se pôs em pé.

O Lobo aproximava-se. E, depois de a mirar, de a cheirar, de fungar, disse, em tom desdenhoso:

—«Estás um bom esqueleto!... Poutco tens que se aproveite... Ossos... mais ossos... e só ossos...»

—«E' verdade, senhor Lobo. Estou



bem magrinha!...» — conseguiu articular a Cabra.

—«Decerto já não serves para nada... E, afinal... que andas cá a fazer neste mundo?»

—«Ora essa, senhor Lobo?!... Olhe que, embora magra e acabada, tenho ainda muito préstimo. Que o digam os meus filhinhos, dois lindos cabritos, muito brancos e gordinhos... Um encantado de meninos!...»

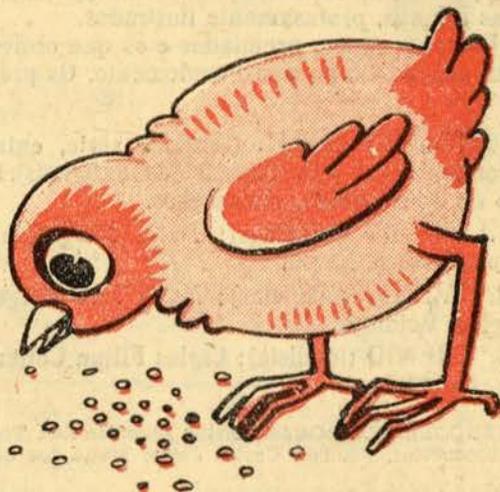
—«Dois cabritos? Tu tens disso?»

—«Sim, senhor. E bem perfeitos que são!...»

O lobo, espertalhão, pensou logo:

OS Nossos
CONCURSOS

ENCONTRAÍ RIMAS E FIXAÍ CONCEITOS POR JOSINO AMADO



Peço ao leitor que me informe
Se esta gravura compreende.
O que diz? ..—Quem muito d....
Com certeza pouco ap.....!

Ora veja o leitorzinho,
Observe com atenção:
Este lindo p.....
Enche o papo grão a g....!

E por isso, ó mocidade,
Dormi na cama sòmente,
E na escola com v.....,
Apredei por serdes g.....!

O seu exemplo imitai,
Segui as suas lições;
Um a um juntai, j.....,
Um dia tereis m.....!

— «Dois cabritos gordos é muito melhor petisco do que uma cabra velha e esquelética. Vamos lá vêr se os apanho!...»

E, alto, exclamou:

— «Não admira que os teus meninos sejam lindos. Se saírem à mãe, são autênticas belezas.»

— «Muito obrigada, senhor Lobo...»

— «A justiça não se agradece... E ouve cá: E's muito, muito amiga dos teus meninos?»

— «Isso nem se pergunta. As mãis são sempre doidas pelos filhos!...»

O Lobo fingiu limpar uma lágrima:

— «Enterneces-me!... Quando ouço uma boa mãe falar nos seus meninos, comovo-me sempre... Tenho um coração tão sensível!... Além disso, adoro os pequeninos... Muito gostava eu de conhecer os teus filhos, os encantadores cabritinhos que eles devem ser!... Mas... tive, há tempos, uma questão com o teu pastor. Ficámos zangados. Por isso, não ousou aproximar-me do rebanho!...»

— «Ah!... — exclamou a pateta. — Agora percebo porque motivo o pastor diz mal de si!...»



— «Então, percebes, também, que, embora cheio de pena, eu não posso ir contigo para ter o prazer de conhecer os teus lindos pequeninos!...»

— «Pois está claro que percebo!... E sinto muito!...»

— «Mas havia uma forma de eu os conhecer. Era trazeres-mos aqui, às escondidas do pastor... Até aproveitava a ocasião e oferecia-lhes uma bela prenda!...»

— «Então, espere aqui que eu vou buscá-los...»

A Cabra Alvinha voltou ao rebanho e chamou os cabritinhos com *mémés* muito doces. Alisou-lhes o pêlo e mandou-lhes que a seguissem.

(Continua na página 7)

HORA DE RECREIO

Por absoluta falta de espaço não publicamos, hoje, esta interessante secção, pelo que pedimos desculpa aos nossos leitores.

CONCURSO: — Grandes de Portugal

Publicamos, hoje, a lista completa dos premiados no interessante concurso que tão grande êxito obteve. Resolvemos, como vêem, instituir mais um prémio; o 4.º para as cadernetas artísticas, correspondendo, assim, ao interesse manifestado pelos nossos concorrentes. E' composto, também, por 1 livro de contos infantis, profusamente ilustrados.

Os concorrentes premiados e os que obtiveram menção honrosa deverão enviar fotografias, a-fim-de serem publicadas no nosso suplemento. Os prémios serão brevemente entregues aos concorrentes.

1.º PRÉMIO GERAL (tirado à sorte, entre os concorrentes que adivinharam tôdas as figuras): Francisco de Sousa Reina, Matozinhos.

1.º PRÉMIO (totalistas): Maria Margarida dos Santos Matroco, Évora.

2.º PRÉMIO (totalistas): Maria José Borges de Almeida, Coimbra.

3.º PRÉMIO (totalista): Carlos Filipe Cotter Moreira, Cascais.

MENÇÕES HONROSAS: Artur Luís Almeida Teixeira de Vasconcelos, Setúbal; Carlos Jaime Moita dos Santos,

MENÇÕES HONROSAS: Alberto Fernandes Abreu Malheiro, Lisboa; Amílcar Castanheira de Barros, Fundão; Amílcar Ponte de Abreu, Arraiolos; André Correia Mendes, Lisboa; Angelo Neves Aguas, Lisboa; António Joaquim Coelho Ventura, Elvas; Artur Xavier da Mata Santos Boavida, Orca; Capitolina Morgado, Coimbra; Daniel Roque Ribeiro, Mora; Eulália Neves Sequeira, Lisboa; Frederico Alberto Saraiva, Lisboa; João Gualdino Pereira, Guimarães; José da Costa Pereira, Lisboa; José Lourenço, Lisboa; José Maria Cabalheiro Macias, Amareleja; Luisa da Glória de Carvalho Pinto, Castelo de Vide; Maria Adelina Flores de Oliveira, Figueira da Foz; Maria Delfina Lucas de Vilhena, Lisboa; Maria Fernanda Travassos Valdez, Sintra; Maria Graciete da Silva Soeiro, Figueira da Foz; Maria Helena Monteiro Fortuna, Loures; Maria Helena Sans da Silva, Lisboa; Maria Isabel Garção de M. Soares, Lisboa; Maria Isabel dos Santos Lima, Pôrto; Maria José Marques da Silva, Lisboa;

Maria Júlia Rola, Carcavelos; Maria Libania Calapez Correia, Odemira; Maria de Lourdes Lopes, Lisboa; Maria Lucília Mendes de Abreu, Algés; Maria Luísa Calheiros Veloso de Sampaio, Covilhã; Octávio Domingues Ferreira, Pinhel; Paulo Andrade de Almeida, Fornos de Algodres; Pedro de Lemos Louceiro, Souzel; Telmo Coutinho de Macedo Pereira, Lisboa; Vítor Manuel de Oliveira Fontes, Amadora; Virgínia Assunção Nunes Martins, Lisboa; Zelinda Rosa Graça Ruas, Cuba.

Damos, também a relação dos concorrentes que adivinharam a totalidade das figuras, e que obtiveram menção honrosa.

TOTALISTAS (concorrentes que adivinharam tôdas as figuras): Abel Carlos Vieira da Ponte, Sintra; António Joaquim Coelho Ventura, Elvas;

Torres Novas; Joaquim Simões Metanio Jesus, Condeixa; José Amado, Azarede; Maria Lídia Assunção Lobo, Lisboa; Raul Silva Pereira, Lisboa.

1.º PRÉMIO (artísticas): Carlos de Sousa, Lisboa.

2.º PRÉMIO (artísticas): Maria de Lourdes Vieira Cayolla, Lisboa.

3.º PRÉMIO (artísticas): Adalberto Gens da Costa Simões, Lisboa.

4.º PRÉMIO (artísticas): Maria Emília da Costa Severino, Castelo Branco.

Armando dos Santos Hipólito, Caldas da Rainha; Artur Luís Almeida Teixeira de Vasconcelos, Setúbal; Carlos Moreira, Cascais; Carlos Jaime Moita dos Santos, Torres Novas; Carlos de Sousa, Lisboa; Celestino Alberto Nunes Duque, Lisboa; Daniel Roque Ribeiro, Mora; Délia do Carmo Henrique de Sousa, Abrantes; Amélia Santana Ventura, Coimbra; Fernando António de Sousa Chaves, Lisboa; Francisco de Sousa Reina, Matozinhos; João Fernandes, Seia; Joaquim Simões Melâncio Júnior, Condeixa; José Amado, Azarede; José Carlos Telo, Vizeu; Manuel Neves Araujo, Fratel; Maria Antonieta Araujo, Lisboa; Maria Eárbara Beça Centeno, Pôrto; Maria Helena Sans da Silva, Lisboa; Maria José Borges de Almeida, Coimbra; Maria Lídia Assunção Lobo, Lisboa; Maria Margarida dos Santos Matroco, Évora; Maria Virgínia Carrilho Ferreira, Lisboa; Pedro Baptista da Cruz, Fratel; Raul da Silva Pereira Lisboa; Rui Sertório Cordeiro Veloso Lisboa.

Cabra Alvinha e Lobo Papão

(Continuada da pág. 5)

Mas, a-pesar-de tôdas as precauções, o pastor reparou que se afastava a Alvinha com os seus cabritos. Sem que ela o pressentisse, foi-lhe no encalço, levando bem agarrado na mão um grosso cajado.

E ao vêr, de longe, o Lobo, a afiar os dentes numa pedra, compreendeu tudo. A correr, deu uma volta por detrás do môrro e... meus amiguinhos, aquilo é que foi uma festa!... Trabalhou o cajado no lombo do Lobo...

E o cajado a malhar...
A Cabra Alvinha a balir...
O senhor Lobo a berrar...
Os cabritos a fugir...
O bom pastor a gritar,
sempre a bater e a rir...
Foi uma festa de estrondo,
que não esqueceu mais, nãc
aos cabritinhos, à Alvinha,
nem ao dom Lobo Papão!...

F I M



A INTELIGÊNCIA dum CÃO

Por JOSINO AMADO

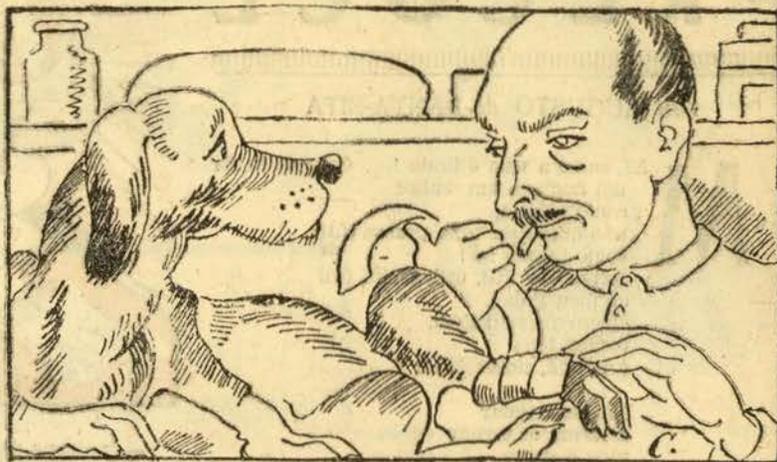
UMA vez, um alveitar,
Que tinha um bom coração,
Junto à porta do seu lar,
Viui deitado um belo cão.

Com a língua humedecida,
Uma das patas lambia;
Estava inchada, partida,
Dores horríveis teria.

O pobre cão, com piedade,
O bom alveitar fitou.
Este, uma alma de bondade,
Para casa o transportou.

Após ligada a fractura,
Trata-o com carinho tal,
Que, em breve, alcançou a cura
Do sinistrado animal.

Ao fazer-lhe tratamento,
O cão ia-o festejando,
O seu reconhecimento,
Constantemente, mostrando.



Porém, depois de curado,
Assim que pôde, fugiu.
Lembrara-lhe o dono amado,
A quem primeiro serviu.

Não foi por não ser amigo
De quem o tratára bem.
Foi o amor ao dono antigo,
Saúdaes que d'ele tem.

Passado um mês e outro mês,
Indo o alveitar a saír,
A' porta viu, outra vez,
O cão, saltando, a latir.

Abana a cauda contente,
Lambe-lhe as mãos, amoroso,
Feliz, por ver, novamente,
Quem fôra tão carinhoso.

E, pela roupa puxando-o,
Fez-lhe ver, perto, deitada,
Linda cadela, chorando,
C' uma pata esmigalhada.

E, fitando o bemfeitor,
Parece dizer-lhe assim :

— «Curai-a... tem tanta dôr!...
Fazei-lhe o mesmo que a mim !...»

Demonstra-nos esta história
Verdadeira, que há no cão
Inteligência, memória,
Amôr e dedicação.

PASSATEMPO

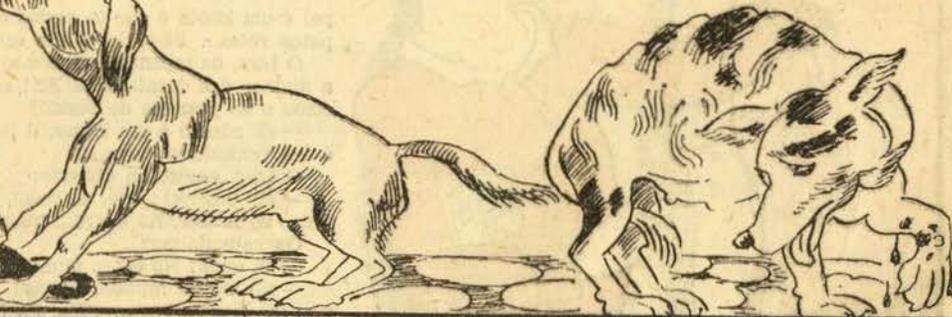
ANAGRAMAS

Para um José que seja glutão

queiJo
dOce
guiSado
cafÉ

Para um Raul estudioso

caRtilha
Aritmético
tabUada
Leituras



A AMBIÇÃO DUM MENINO PRECOCE

POR AUGUSTO de SANTA-RITA

— « **M** AI, como a vida é linda !... Quando eu fôr um homem, um senhor como o papá, não quero ser uma pessoa fútil como tantas há ! Hei-de ser útil, útil, muito útil ao meu País ! Quero fazer o Eem, tornar feliz a Pátria, nossa Mãe !

Hei-de estudar a forma de tornar tôda a gente contente, espalhando a Alegria em cada lar.

Sim ! Hei-de vir a ser legislador se Deus quizer, proporcionando a todos bom viver, tornando a Vida social melhor.

Hei-de facilitar a tôda a gente, que fôr inteligente, meios de progredir e, em suma, garantir a todo o que produz um ridente provir. Conduzirei na mão a lâmpada do Amor.



— lanterna da Razão —
para levar a luz
a tôda a escuridão,
seguindo os bons exemplos
de Jesus !

Hei-de mandar abrir muitas escolas,
igrejas, hospitais e outros templos ;
darei fartas esmolas
a quem pede ;
vestindo todos os nús
e a todos matando a sede !

Aos artistas darei o justo prêmio
do seu talento criador, fundando
um cenáculo de Arte, a Sêde, o Grémio
onde passam, em paz, ir realizando
seus belos sonhos de Eeleza eterna !
Darei a todo o lavrador sementes,
um arado, uma enxada, uma cisterna...
E hei-de ver, hei-de ver todos contentes !»

.....
Súbitamente, cala-se o menino.

Fica a sorrir a Mãe, num doce enleio.

E apertando-o, depois, de encontro ao seio,
diz-lhe : — «Deus te reserve êsse Destino,
porque a Pátria, meu filho, bem merece
o Eem que lhe desejas !
Deus escute, no céu, a tua prece !
Bendito sejas !»

O FILHO DO TRAPEIRO

(Continuado da página 5)

pai é um idiota é que tu andas um maltrapilho, com os sapatos rôtos... Vê-se logo que és filho dum trapeiro...»

O Luiz, de repente, lembrou-se de que uma boa resposta é a melhor das desafrontas. Ah ! se êle achasse uma tão boa como a do príncipe de Condé !

— «E não só é um idiota, o teu pai (continuou o outro), é um verdadeiro burro...»

O Luiz, então, foi dizendo:

— «E' possível... Eu, ás vezes, tenho a impressão de que, antes de nascer, fui burro... mais o meu pai...»
Gargalhada geral.

— «E onde? No outro mundo?» — dizia o menino mau.

— No outro mundo, talvez ! (respondeu o Luiz). Mas não me lembro bem... Olha, na terra em que o meu pai foi burro, diziam que o teu pai era um ladrão...